

## «ficções» e a anulação do real

NELLY NOVAES COELHO

“O pensamento mais fugaz obedece a um desenho invisível e pode coroar, ou inaugurar, uma forma secreta. Sei que alguns faziam o mal para que nos séculos futuros resultasse o bem, ou já houvesse resultado nos já pretéritos... Encarados assim todos nossos atos são justos, porém também são indiferentes. Não há méritos morais ou intelectuais. Homero compôs a *Odisséia*; uma vez postulado um prazo infinito, com infinitas circunstâncias e mudanças, o impossível era não compor, sequer uma vez, a *Odisséia*. Ninguém é alguém, um só homem imortal é todos os homens. Como Cornélio Agrippa sou deus, sou herói, sou filósofo, sou demônio e sou mundo, o que é uma fatigante maneira de dizer que *não sou*.”

(Borges, *El Inmortal*)

Nessas palavras de Homero, ditas ao viajante que procurava o país dos imortais, no estranho relato, *El Inmortal* (contido na coletânea *El Aleph*), temos sintetizada uma das preocupações básicas da obra de Jorge Luis Borges, o genial escritor cuja primeira tradução brasileira, *Ficções*, acaba de aparecer entre nós. Nos dezenove relatos que compõem esse volume encontramos sob as mais diversas faces a fascinante problemática borgiana.

Empenhado na tarefa de conhecer a Ordem do Universo, de apreender a realidade nas malhas do pensamento reflexivo e assim chegar ao verdadeiro conhecimento das coisas, Borges vem construindo uma obra literária que espanta e atrai pelo insólito e pelo fantástico de suas mil e uma faces. Fantástico que, ao final, compreendemos ser a resultante da

consciência que se deve ter impôsto ao escritor, de que é impossível ao homem (se permanecer fechado nos limites concretos e mensuráveis da lógica e da realidade objetiva) conhecer ou compreender o enigma do universo e da condição humana.

Daí, sem dúvida, a bifurcação inextrincável de suas estórias; a contínua quebra das limitações do mundo concreto; a anulação do tempo; a anulação da individualidade pela imersão do indivíduo no Todo ou em todos; a busca do infinito ou da eternidade; ou, sintetizando: o mergulho no fantástico ou no maravilhoso que Borges descobre fluindo da própria realidade histórica.

Ler Borges é participar de uma estranha aventura intelectual. E aí estão suas *Ficções*, enfim ao alcance do grande público brasileiro, através da tradução (ádua tarefa esplêndidamente cumprida pelo poeta Carlos Nejar) recentemente lançada pela Editôra Globo em convênio com o Instituto Nacional do Livro. Pelo que significa essa iniciativa editorial, não podemos deixar de registrá-la. Vem ela sanar uma lacuna que já não se podia compreender: a inexistência de traduções brasileiras da obra dêsse genial escritor argentino, quando na Europa ela já fora tôda traduzida e amplamente divulgada.

Aliás, feliz ou infelizmente, êsse tipo de omissão não é monopólio nosso. O próprio Jorge Luis Borges, há alguns anos atrás, num breve artigo, ao falar sôbre a incompreensão dos americanos acêrca da verdadeira força e talento de Paul Whitman, afirmou: "La culpa no es sustancialmente de nadie. Los hombres de las diversas Américas *permanecemos tan incomunicados* que apenas nos conocemos por referencia, contados por Europa". (O curioso é que essas palavras de Borges são de 1929. Como vemos, de lá para cá pouca coisa mudou. A recente fama que estão tendo, entre nós, Júlio Cortázar ou Garcia Marquez não nos chegou via Europa? O que seria necessário acontecer para que um maior intercâmbio passasse a existir entre os países sul-americanos? É o que já perguntávamos há dez anos atrás, quando tivemos a oportunidade de nos reportar à obra borgiana... Intercâmbio que, afinal, parece já se configurar mais concretamente no horizonte cultural e cujo mais claro sintoma foi a escolha do nome de Jorge Luis Borges para a concessão do Prêmio Interamericano de Literatura — I Bienal Internacional do Livro — criado em 1970 pelo Governo do Estado de São Paulo.)

Enfim... o que nos importa neste momento é que *Ficções*, uma das mais importantes coletâneas de relatos borgianos, está ao alcance do público brasileiro.

Ficcionista, poeta e ensaísta, nascido na Argentina em 1899, Jorge Luis Borges é um dos maiores escritores de nosso tempo e também um dos que, na América Latina, mais originalmente vem contribuindo para a criação de uma nova literatura. Iniciou sua carreira de escritor como poeta, em 1923, com *Fervor de Buenos Aires*, em pleno período das revolucionárias mutações artísticas, que foi a época dos Ismos. Dadaísmo, Criacionismo, Surrealismo, etc., na Europa do início do século, viveram suas breves vidas, tiveram um "irmão" hispânico: o Ultraísmo, cujo representante na América foi Borges.

Durante doze anos, dedica-se êle apenas à poesia e ao ensaio, para só então iniciar-se no gênero que iria consagrá-lo definitivamente: o conto, ou melhor, suas breves "ficções". Mesmo depois de desligado do Ultraísmo, tendo praticamente abandonado a poesia<sup>1</sup>, Borges não se libertou, de todo, do "fantasma" (como êle mesmo o diz) que deu corpo às suas primeiras manifestações literárias. Em seus relatos de ficção ou de ensaio, surge a cada instante "el ultraísta muerto...". Daí, dessa morte não inteiramente consumada, originam-se talvez muitas das peculiaridades de seu estilo: a preocupação quase obsessiva com as possibilidades ou limitações expressivas da linguagem; a fragmentação das fronteiras entre realidade e irrealidade; a insólita imagética que caracteriza sua linguagem criadora, etc.

Não é difícil aceitarmos que a essência comum àqueles movimentos poéticos vanguardistas tivesse permanecido como um resíduo em seu espírito criador e marcado definitivamente sua obra: a poesia reduzida à pura expressão da imagem; o esforço consciente por libertar a linguagem em prosa das travas do prosaísmo e da lógica conceptual; a obsessão com o extralógico e o irracional que culminou na glorificação da imagem e da fantasia, e na concisão vocabular de seus escritos.

Difícil ou praticamente impossível sintetizar o conteúdo ou a problemática de suas "ficções" em poucas palavras, tal a riqueza do que é dito e mais, do que é sugerido. Todo um orbe absolutamente real e simultaneamente ilusório ou fantasmagórico (e que acaba anulando o real) é o que emerge dêstes relatos de linhagem surrealista, e cujo amálgama estilístico torna extremamente difícil qualquer tentativa de caracterização literária.

1. Após cêrca de trinta anos de silêncio poético, Borges voita à poesia com o recém-publicado *Elogio de la Sombra*, cuja tradução, ainda entregue ao poeta Carlos Nejar, será brevemente lançada entre nós.

2. Ana María Barrenechea. *La Expresión de la Irrealidad en la Obra de Jorge Luis Borges*. México, El Colegio del México, 1957, p. 32.

Aliás, o título da coletânea já revela o problema: *Ficções*. Como caracterizar o gênero literário desses breves relatos? Contos, ensaios, memórias, ficção científica, conto policial, poesia em prosa? Difícil decidir, tal a multiplicidade de aspectos que os diferenciam entre si e os afastam de qualquer gênero "puro". Daí, sem dúvida, a escolha do termo genérico, "ficções", que evita as rotulações arbitrárias e serve para abarcar indistintamente todas as multiformes narrativas.

*Tlön, Uqbar, Orbis Tertius; As Ruínas Circulares; O Jardim de Caminhos que se Bifurcam; A Aproximação a Almotásim; A Forma da Espada...* são alguns dos dezenove relatos que formam o presente volume e onde estão presentes os temas e motivos caracterizadores da obra borgiana: os labirintos; o infinito; os espelhos; a eternidade; o sonho; as bibliotecas; os enigmas, etc.

Na Ásia Menor, em Bombaim, na Babilônia, em Alexandria, em Buenos Aires ou em espaços não-identificáveis, Borges constrói seu mundo de ficção, fantástico ou poético, mas que revela sempre um homem perplexo frente a um universo caótico; um homem assombrado em face do mistério da existência. Ou ainda, um homem que não cessa de se maravilhar diante das teorias que, através dos tempos, outros homens criaram para tentar interpretar um mundo e um destino definitivamente impenetráveis.

Veja-se, por exemplo, a primeira narrativa do volume: *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius. Um espelho e uma enciclopédia* são a casual conjunção de objetos que desencadeiam a narrativa.

"Devo à conjunção de um espelho e de uma enciclopédia o descobrimento de Uqbar. O espelho inquietava o fundo de um corredor numa quinta da rua Gaona, em Ramos Mejía; a enciclopédia falazmente se chama *The Anglo-American Cyclopaedia* (New York, 1917) e é uma impressão literal, mas também tardia, da *Encyclopaedia Britannica* de 1902. O acontecimento ocorreu faz uns cinco anos. Bioy Casares jantara comigo naquela noite..." (p. 1).

Como se vê, o relato começa realística e tranqüilamente situado na vida cotidiana no próprio escritor que é seu personagem central. Ou melhor, até que ponto é Borges-ê-le-mesmo ou um simulacro de si que é atraído simultaneamente pelo espelho e pela enciclopédia? Isto é, pela fantasia, pela imagem falaz e pelo conhecimento cumulativo? Quem o pode dizer? A verdade é que, a partir de um incidente sem nenhuma importância (o nome de Uqbar mencionado por Casares e em seguida não encontrado na Enciclopédia em que devia estar registrado), Borges se entrega a

uma obsessiva busca, em que cada círculo narrativo que se abre provoca outro.

E essa busca revela (através de uma estrutura ininterruptamente desdobrada em fatos que se encadeiam) a criação de um orbe fantástico. Tlön, imaginado por um grupo de homens, "uma sociedade secreta e benévola que surgiu para inventar um país" e acabou inventando um "planeta" (p. 15). Esse planeta-fantasma que, originalmente, só existiria em uma monumental enciclopédia, com toda a aparência de ser real, à força de ser pensado e descrito adquire existência própria e acaba enviando à Terra objetos de matéria estranha: uma bússola que "latejava misteriosamente" e um cone de "pêso intolerável".

Em um dos possíveis planos de interpretação do relato, parece-nos estar aí a crença na força desmedida do pensamento humano, que é dado assim como capaz de criar objetos com a simples intensidade do desejo de alguém que os pense. Resultando de um verdadeiro jogo de descobertas e espantos (que fazem lembrar essas caixas-surpresa orientais, que vão sendo retiradas umas das outras) a imprevista e fantástica existência de Tlön nos faz suspeitar da possibilidade de nosso mundo familiar ser penetrado por outros insuspeitados mundos, de inesperada e incrível realidade.

Via de regra, as narrativas borgianas desdobram-se como num jogo de espelhos que multiplicam ao infinito os objetos, denunciando sem dúvida a ilusória realidade do nosso mundo, tão falaz quanto a "lembrança limitada e diluída de Herbert Ashe" que depois de morto persiste "no fundo ilusório dos espelhos" do Hotel em que viveu. É isso, sem dúvida, que Borges persiste mostrando em seus relatos simbólicos: que tal como ao espelho, nunca vemos a realidade como ela é, mas apenas como um simulacro.

Se aceitarmos, porém, que é a irrealidade das coisas o que Borges denuncia, como entendermos o acúmulo de dados concretos, de pormenores nitidamente reais em suas narrativas (a descrição objetiva da casa, dos livros, o registro da rua, a presença de pessoas reais como Bioy Casares, Alfonso Reyes, Martínez Estrada...)?

Numa leitura global, chega-se à conclusão de que esse constante enxêrto da realidade concreta em seu mundo de ficção, não pretende (como pode parecer) a afirmação daquela realidade, mas sim a diluição de fronteiras entre o real e o imaginário. Note-se, pois, que a exploração realista da irrealidade, levada a efeito pelo narrador, permite-nos descobrir que Tlön, o cosmos inventado, em substância não difere nas perplexidades pelos problemas que coloca. As *Ficções* de Jorge Luis Borges aí estão a

desafiar o leitor, com seus breves (às vêzes brevíssimos) relatos, cuja brevidade e fragmentação não implicam em desordenação, incoerência ou improvisação. Ainda que feita de fragmentos narrativos, a obra borgiana pode ser sentida e valorizada como um todo conciso e coerente, que traduz o arrojado espírito de um verdadeiro humanista que, não obstante o convívio diário e íntimo com o saber enciclopédico recolhido nos livros de tôdas as latitudes e de tôdas as Idades, não se isolou da vida tumultuosa que segue pelas ruas e nem das eternas indagações da condição humana em face da Realidade Concreta e do Absoluto.

Até onde vai o real? Onde começa a irrealidade? Como distinguir os dois? Fecunda em indagações, sugestões e em nada dêste nosso planêta, onde sua estória está sendo investigada.

Mesclando sempre os vários planos da nossa existência global: o da vida real, o da ficção, do sonho, do pesadelo, do sobrenatural e do mito... A ficção força o leitor a indagar sôbre sua própria condição de "ser real" ou de "simulacro", como acontece com o estranho personagem de *As Ruínas Circulares*:

"Caminhou contra as línguas de fogo. Estas não morderam sua carne, estas o acariciaram e o inundaram sem calor e sem combustão. Com alívio, com humilhação, com terror, compreendeu que êle também era uma aparência, que outro o estava sonhando" (p. 45).